



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

CAIO FALCÃO LIMA NEVES

**RELAÇÃO MULTIESPÉCIE E SEUS DESDOBRAMENTOS: UMA
EXPERIÊNCIA DE CAMPO COM TUTORES E SEUS CÃES NO
PARQUE ESTADUAL DA PRAINHA**

**VITÓRIA, ES
2021**

CAIO FALCÃO LIMA NEVES

**RELAÇÃO MULTIESPÉCIE E SEUS DESDOBRAMENTOS: UMA
EXPERIÊNCIA DE CAMPO COM TUTORES E SEUS CÃES NO
PARQUE ESTADUAL DA PRAINHA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: profa. Dra. Patrícia Pereira Pavesi
Coorientadora: profa. Dra. Eliana S. J. Creado

**VITÓRIA, ES
2021**

AGRADECIMENTOS

Agora nessa etapa final me deparo com bons sentimentos que me fazem refletir sobre a importância de cada passo que dei até chegar aqui. Para cada passo, ou mesmo para cada pequeno movimento, não posso deixar de incluir as pessoas que me auxiliaram e me deram suporte para eu não desviar do meu caminho rumo aos meus sonhos.

Para inaugurar os meus agradecimentos exalto a minha mãe, Maria da Penha, que embora todos os desafios da vida, nunca me deixou, por nenhum segundo, pensar que eu não era amado, aprecio seu amor. Quero agradecer meu pai e meu irmão, Adriano e Hugo, por todo auxílio e companheirismo, que no modo particular de cada um pude entender cada gesto de carinho. Quero agradecer a minha companheira, Yacyara, por proporcionar momentos magníficos e gratificantes e por me desafiar a cada dia a mostrar o meu potencial. Desde daquele dia de extrema alegria, de que poderia citar data e local, você me impulsiona a ser uma pessoa melhor, com você, comigo e com todos que considero. Meu imenso agradecimento a essas pessoas tão especiais.

Não posso deixar de citar as pessoas que conheci na UFES durante esse tempo. Aos amigos Alex e Bethina por inúmeros momentos agradáveis juntos, Raysa por suas palavras amigas, Gabriel como referência acadêmica e auxílio em alguns momentos, Timóteo por me alegrar com conversas e admiração. A todos que passaram por mim e deixaram algo de bom para lembrar, obrigado. Agradecimento a todos os meus professores, mas em especial a Prof^a. Dra. Patricia Pavesi por sua compreensão e paciência. Prof. Dr. Marcelo Vieira por sua energia e palavras afirmativas, Prof^a. Dra. Eliana Creado pelas oportunidades que me ofereceu e pela sua compreensão em momentos conturbados. Sou grato pela oportunidade de ter contado com a vivência acadêmica e seus desafios. Agradeço por tudo que ela me proporcionou.

Um agradecimento especial a minha cadela Ziggy, pois sua existência em minha vida proporciona experiências que jamais cogitei. Sem sua presença em minha rotina não poderia ter pensado nessa pesquisa e até mesmo executá-la da forma que fiz. Sei que ela não compreende todo esse significado, mas seria injusto deixá-la de fora desse documento.

RESUMO

Essa pesquisa analisa a relação entre tutores e seus cães discutindo conceitos como humanização, família e consumo. O grupo investigado são tutores que frequentaram o Parque Estadual da Prainha durante dois meses no ano de 2020. A pesquisa revelou que cerca de 90% dos tutores desse grupo de 18 pessoas, consideram seus cães como membro da família, reforçando uma das ideias geradoras do estudo: que os cachorros estão sendo inseridos cada vez mais no íntimo do espectro familiar, não só atingindo status de membros, mas também substituindo alguns.

Palavras-chaves: humanização, consumo pet, responsabilidade animal, cães, família.

ABSTRACT

This research analyzes the relationship between guardians and their dogs, discussing concepts such as humanization, family and consumption. The investigated group are tutors who attended the Prainha State Park for two months in the year 2020. The research revealed that about 90% of the tutors in this group of 18 people consider their dogs as a member of the family, reinforcing one of the generating ideas of the study, that dogs are being inserted more and more into the family spectrum not only reaching member status, but also replacing some of them.

Keywords: humanization, pet consumption, animal responsibility, dogs, family.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Faturamento do Mercado Pet Mundial anos de 2017, 2018 e 2019.....	31
Gráfico 2 – Perfil das lojas do ramo de Pet Shop no Brasil em 2019.	32
Gráfico 3 – Produtos e Serviços que foram consumidos pelos tutores e seus cães ao menos uma vez no último ano antes da aplicação do questionário.	33
Gráfico 4 – Parcela dos gastos mensais com seus cães referente ao salário.....	36
Gráfico 5 – Série histórica de registo de divórcio no Brasil de 2009-2019.	39
Gráfico 6 – População de animais de estimação no Brasil em 2019.....	39
Gráfico 7 – Cômodos que os cães tem acesso dentro dos domicílios.	41
Gráfico 8 – Porcentagens de tutores que consideram seu(s) cachorro(s) como membro da família.....	43
Gráfico 9 – Porcentagem dos tutores que consideram seus cães como filhos.	44
Fotografia 1 - Minha cadela Ziggy.....	10
Fotografia 2 - Foto do campo de futebol no Parque Estadual da Prainha.	23
Quadro 1 - 12 discursos que ilustram os aspectos mais relevantes para inovação do consumo pet.....	30
Figura 1 - Imagem de Satélite do Parque Estadual da Prainha.....	22

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: AS ESQUINAS PELAS QUAIS PASSEI ATÉ A PESQUISA	8
1.1	APRESENTAÇÃO DA MONOGRAFIA	12
2	AGENCIAMENTOS EM CAMPO DURANTE UMA PANDEMIA.....	13
2.1	OS INTERLOCUTORES DO CAMPO: TUTORES E SEUS CÃES	18
2.2	O TERRITÓRIO DA PESQUISA.....	21
2.3	BUSCA PELA METODOLOGIA.....	23
3	MERCADO PET, CONSUMO E HUMANIZAÇÃO	27
3.1	CÃES, TUTORES E O MERCADO PET LOCAL	33
4	FAMÍLIA E RESPONSABILIDADE MULTIESPÉCIE.....	37
4.1	ASPECTOS DA RELAÇÃO MULTIESPÉCIE: DADOS DO CAMPO	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
	APÊNDICES	50

1 INTRODUÇÃO: AS ESQUINAS PELAS QUAIS PASSEI ATÉ A PESQUISA

O ato de olhar para trás e refletir sobre minhas experiências é sempre um marco. Em vista disso, refletir sobre minha trajetória até a finalização desta etapa, que é materializada através deste documento é, no mínimo, valoroso para mim. Embora nascido em Vitória, praticamente do outro lado da rua da entrada norte da UFES, o que me fez brincar comigo mesmo sobre minha predestinação de frequentar ali, minhas primeiras memórias estão associadas às minhas experiências na cidade de Serra-ES. É nessa cidade que minhas memórias escolares estão situadas.

Sempre tive apreciação pelo estudo pois sempre era capturado por frases que associavam o estudo a uma mudança de vida, fosse ela material ou mesmo imaterial. Para ser honesto, o estudo sempre foi minha diversão pois morava em uma área um pouco isolada do centro o que me fazia ficar bastante tempo em casa e esse mesmo tempo era preenchido por curiosidades que me atinham na época. Não seria exagero falar que minha maior diversão era ir para escola, lá tinha meus amigos e aquela sensação de dever cumprido.

Toda essa diversão e esforço relacionados ao estudo me deram oportunidades de passeios escolares a mais, consideração de professores que sempre me incentivavam a continuar no mesmo caminho e algumas medalhas de aluno destaque. Uma dessas medalhas ganhei já no ensino médio no período em que morava em Vila Velha. Foi no ensino médio que tive meu primeiro contato com a disciplina de sociologia, o que me cativou desde início. Esse contato proporcionou uma relação de amizade com alguns dos professores de sociologia que passavam pela minha escola, e junto do incentivo de alguns colegas me motivaram a prestar o vestibular de Ciências Sociais – UFES.

Dentro do curso de Ciências Sociais tive meu primeiro contato mais aprofundado com a antropologia. Minha relação com a disciplina teve altos e baixos na graduação. Mas o meu interesse mais árduo pela antropologia veio após as aulas em Antropologia IV onde debatemos a teoria da escola hermenêutica e etnografias contemporâneas. Esse contato com essas etnografias foi essencial para construção do meu entendimento mais profundo da disciplina, principalmente sobre o método etnográfico. Pois, como debatido por Peirano (1995, p. 27) sobre estilo etnográfico, são as monografias [etnografias], construídas dentre inúmeras possibilidades, que deixam

transparecer o percurso intelectual do pesquisador e que permitem situá-lo em determinado contexto disciplinar.

A partir desse momento, minhas experiências dentro da universidade se fundiram com as de fora e foi esse cruzamento de ideias que me fizeram pensar nessa pesquisa. Lembro bem das aulas de METEC II com o Prof. Dr. Marcelo Vieira em que ele tratava sobre incontáveis fontes de ideias para temas de pesquisas. E foi numa dessas não imaginadas ocasiões geradoras de ideias que veio o meu tema de pesquisa.

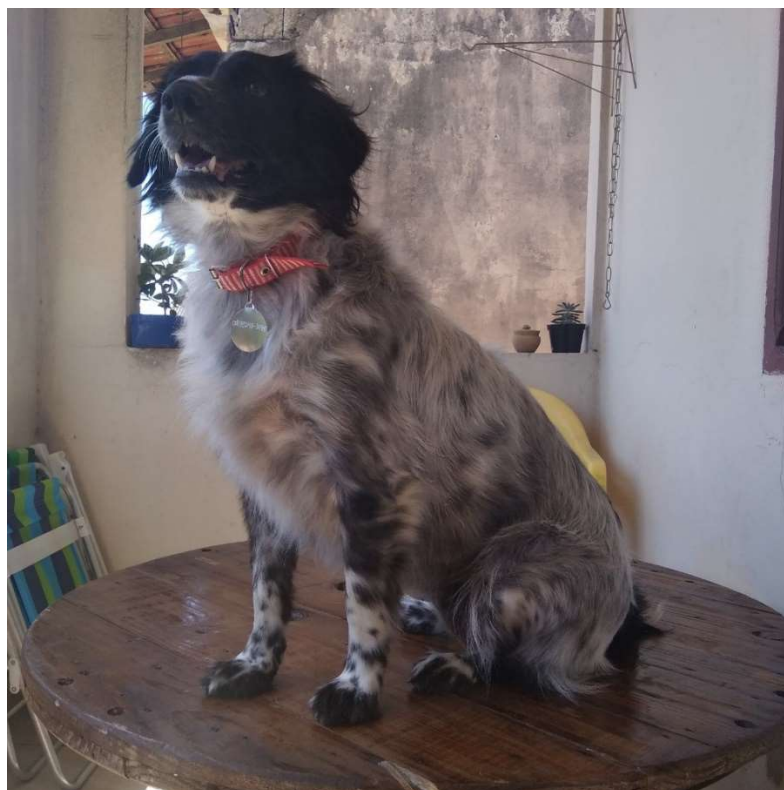
Vida de cão, esta é uma boa expressão para se discutir sobre os motivos da escolha desse tema. Afinal, comumente utilizamos essa expressão – “vida de cão” – para nos referir a uma vida sofrida, cheia de desafios ou mesmo amargurada, como é o pano de fundo da canção da dupla sertaneja Rio Negro & Solimões¹ que leva a expressão como título. Mas, parando para refletir sobre essas questões, o padrão de vida dos cães vem sendo alterado com o passar do tempo (OSORIO, 2016). Será que devemos mudar o sentido por trás dessa expressão?

Meu contato com o mundo canino foi sempre de apreciação, enxergava e ainda enxergo um animal incrível por suas habilidades olfativas, físicas e sociais. Embora ainda criança não tivesse um contato direto com esses animais, ainda assim não hesitava em desviar minha atenção quando um passava. Minha imersão no mundo canino foi quando eu e minha companheira adotamos um cão RND (raça não definida) em meados de 2018. Incrível o que o contato com os animais pode fazer com sua rotina ou mesmo com sua vida. É claro que nem tudo são flores, para usar outra expressão famosa. Tinha minhas preocupações financeiras, de responsabilidade, comportamento, de saúde que abarcavam tanto nós os humanos quanto a minha cadela. Como curioso, busquei ajuda na internet para a prevenção de possíveis problemas. Foi a partir desse aprofundamento do mundo canino que o meu interesse sobre o tema mudou drasticamente. Eu não imaginava que existia um verdadeiro universo para se conhecer em relação a esses animais, não importa qual seu viés dentro dele, vai ter muita coisa para ser debatida e por muitas pessoas. Dentro desses debates, estavam as necessidades básicas para se manter um cachorro saudável e o ato do passeio foi apresentado como fundamental para esse equilíbrio. Considero que

¹ RIO NEGRO & SOLIMÕES. Vida de Cão: Universal Music International, 2006. Disponível em: <https://youtu.be/JQTIUWKJAmc> Acesso em 1 de março de 2021.

os passeios com minha cadela – Ziggy – foram essenciais para construção dessa pesquisa, mesmo que no início não houvesse a intenção de fazê-la. Foram os passeios que trouxeram os encontros com os outros tutores e normalmente junto de seus cachorros. A partir desses encontros e das conversas que eram iniciadas facilmente por se tratar de animais tão adorados por muita gente, vieram questionamentos sobre uma série pontos: humanização, mercado pet, responsabilidade animal, proteção animal.

Fotografia 1 - Minha cadela Ziggy



Fonte: Acervo Pessoal, 07 de jan 2021.

Ziggy foi resgatada da rua e esse ato foi interessante para compreender a rede que envolve a proteção animal. Embora ela tenha sido resgatada diretamente por mim, por minha companheira e uma colega, uma rede de apoio ainda se fez presente, e nada mais apropriado que o meu agradecimento nesse trabalho por suas ações. Descobrimos posteriormente que, quando Ziggy habitava a rua, ela era alimentada e tinha a atenção do dono da banca de jornal que havia na praça onde a encontramos,

o que levanta outra questão interessante: os cães semi-domicilados ou de vizinhança, classificações que são incluídas nos censos demográficos de animais domésticos.²

Voltando ao ponto dos passeios, foram eles que me levaram ao Parque da Prainha e a conviver com os tutores abordados na pesquisa. Eu já frequentava o parque para me exercitar e por ser local de eventos culturais, no entanto, passei a ir com maior frequência para levar Ziggy para passeios longos e com mais qualidade. Nesses encontros, feitos pelo acaso, conversava com grupos de tutores que se organizavam para levar seus cachorros em horários combinados para o parque, o que não era o nosso caso. O Parque Estadual da Prainha, por ser um espaço aberto com árvores e quase toda sua totalidade ser coberta por grama, é muito atrativo para atividades com os cães.

Minhas idas ao Parque começaram a ser frequentes no começo do ano de 2019, momento que morava no centro de Vila Velha. Foi na Prainha – é assim que os meus interlocutores se referem ao parque – que aquelas indagações que comecei a ter nos primeiros passeios se intensificaram. Um pequeno detalhe mudou a característica das conversas que tive com os outros tutores. O fato de eu não estar mais em movimento permitiu que as conversas se aprofundassem sobre os temas relacionados aos cães. Ao parar e soltar Ziggy da coleira para ela correr pelo parque, isso permitiu que as minhas interações com os tutores fossem mais duradouras do que aqueles encontros ocorridos de forma passageira. Nessas conversas, surgiram posições sobre temas que desconhecia, como exemplo a existência de *day cares* que é uma espécie de escola para cachorro aonde eles vão para interagir com outros cães além de receber estímulos olfativos e sociais e alguns treinamentos comportamentais. Em especial, o tratamento que alguns davam para seus cães era o que mais me intrigava. Alguns se comunicavam com seus cães como se eles fossem seus filhos, e mais especificamente filhos em idade infantil. Toda essa aparente humanização gerou conflitos que me levaram a pensar essa pesquisa e o modo que foi feita. Afinal, inseridos no mesmo momento histórico e território, por que alguns tutores apresentavam essas características e outros não? O que essas características têm a nos dizer sobre esse grupo? E sobre a família desses tutores?

² Para ver mais sobre o assunto ver (CANATTO, SILVA, *et al.*, 2012)

Para pano de fundo dessa pesquisa, apoie-me na afirmação que leva em consideração a variação das relações sociais como objeto da antropologia (CASTRO, 2002, p. 122).

1.1 APRESENTAÇÃO DA MONOGRAFIA

No capítulo seguinte, eu apresento detalhes do meu trabalho de campo e seus desafios. Exponho minha linha de pesquisa e procuro elucidar para o leitor qual o objetivo desse trabalho. Apresento os meus interlocutores e as características do lugar onde foi feito o trabalho de campo. Encerro esse capítulo debatendo como defini a metodologia utilizada nessa pesquisa.

No capítulo final, é apresentada a discussão entre o consumo e o mercado pet fazendo uma conexão entre esses elementos utilizando o conceito de humanização. Faço uma pequena retrospectiva histórica para uma compreensão da evolução desse mercado em particular e, em seguida, apresento dados recentes de como esse ramo se localiza atualmente em nível global e nacional. O capítulo se encerra com o cruzamento dos dados da minha experiência em campo com alguns conceitos apresentados por outros autores, além de demonstrar relação dos interlocutores com o mercado pet local.

Dentro do último capítulo, realizo um debate sobre o dinamismo encontrado no conceito de família e apresento o que alguns autores chamam de família multiespécie. A partir disso, levanto uma reflexão onde esse conceito desenvolve novas configurações em uma conjuntura específica. Para concluir, apresento os dados obtidos no campo para averiguar algumas hipóteses do meu projeto de pesquisa.

2 AGENCIAMENTOS EM CAMPO DURANTE UMA PANDEMIA

Há uma relação milenar entre cães e humanos e as características dessa relação vêm sendo alteradas junto com outras esferas da vida social. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde de 2013 (IBGE, 2015), revela-nos detalhes sobre nossa convivência com esses animais. Foi verificado que 44,3% dos domicílios brasileiros possuíam pelo menos um cachorro, e se estimou que sua população é de 52,2 milhões. Esse número é maior do que o registro relatado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do mesmo ano referente à existência de crianças até 14 anos de idade nos domicílios brasileiros, que é aproximadamente de 44,9 milhões.

Para o reforço dessas alterações, o mercado se apropriou dessas mudanças para criar um ramo que vem sendo muito lucrativo para quem investe. O mercado pet vem crescendo ano após ano, e, mesmo no ano de 2020, ano que vivemos uma pandemia, os números de faturamento inclinam para o crescimento, diferentemente de outras atividades econômicas. Especialmente no Brasil, esse renovado mercado pet vem alcançando conquistas significativas para economia nacional e global, podendo citar a sua posição entre os maiores faturamentos do mundo no ramo (ABINPET, 2020).

As mudanças desse mercado particular podem ser consideradas uma estratégia para perpetuação desse avanço econômico na lógica empresarial onde trabalham para ter mais retorno financeiro, no entanto, também devemos considerá-las como um efeito das alterações dos padrões de consumo que serão debatidos mais adiante. O que devemos levar em consideração agora é que o consumo não deve ser visto dentro do formato tradicional de compra e venda de mercadorias em condições de mercado, o consumo implica na economia moral cujo os pressupostos só são discerníveis quando investigamos as categorias de entendimento que informam nossas práticas e representações sociais (BARBOSA e CAMPBELL, 2006).

As informações citadas acima, nos dão pistas de que a sociedade moderna vem alterando seus hábitos e seu próprio pensamento sobre aspectos da instituição familiar. Destarte, essa pesquisa tem como objetivo mais amplo, aprimorar a compreensão dessas mudanças que vem acontecendo gradativamente nessas famílias. Mais precisamente busca uma maior compreensão, dentro das limitações impostas a essa pesquisa, de como a relação entre humanos e cachorros se localiza no nosso tempo. A minha análise é direcionada a um pequeno grupo de tutores e seus

cães e foquei em responder de que maneira esse grupo insere seus cães dentro do espectro familiar. Me preocupei também com o perfil desses tutores, como eles lidam com mercado pet local e com as características dessa relação. O trabalho de campo foi realizado entre os meses de outubro e novembro do ano de 2020 no Parque Estadual da Prainha que fica localizado na cidade de Vila Velha – ES.

É importante ressaltar que um trabalho de campo dentro do contexto de uma pandemia é desafiador. Porém, com intuito de ter essa vivência, me predispus a ir a campo, mas tomando todas as regras de segurança sanitárias que eram conhecidas na época. Outro impulso para ir campo foi a tentativa frustrada de obter informações via redes sociais. Esse era o projeto inicial, mas devido às dificuldades de encontrá-las dessa forma e a falta de adesão de alguns tutores abordados fui incentivado a ir pessoalmente ao parque.

O grupo de tutores não foi selecionado por mim previamente. Ele foi formado durante o tempo em que estive em campo. Quando digo grupo de tutores não quero gerar a falsa impressão de que eles se conheciam ou interagem entre si. O que essas pessoas tinham em comum, e por isso as chamo de grupo, é o fato delas levarem seus cães para frequentar o Parque da Prainha, sem necessariamente se conhecerem.

Nas minhas idas para observações participantes, quase sempre era acompanhado por Ziggy, o que me proporcionou uma inserção sempre positiva em qualquer grupo de tutores que ali se encontravam. Excepcionalmente isso não ocorria por conta de comportamentos de alguns cachorros que se mostravam mais agressivos, mais acuados, ou mesmo estavam em treinamento. É interessante debater sobre a receptividade desses pequenos grupos com cachorros, pois me pergunto como seria minha pesquisa se eu não tivesse a companhia da minha cadela. A observação participante nesse caso facilitou muito a minha interação com os tutores.

Outro ponto importante para destacar foi a presença feminina acentuada nesses grupos. Embora dentre os entrevistados pouco mais da metade (55,6%) fosse do sexo masculino, boa parte dos homens estava acompanhada por suas companheiras.³ Portanto, identifico que isso gerou uma informação equivocada. Compreendo que o fato de eu ser homem, contribuiu para que, nas entrevistas com questionário,

³ O questionário apontou que 77,8% dos entrevistados eram casados ou namoravam.

aplicadas junto a casais hétero, outro homem tenha se disposto a responder, então coube-me analisar o motivo desse comportamento.

Ao abordar casais para aplicar o questionário (APÊNCIE A), eu fazia questão de falar com ambos pelo meu interesse de saber características que não se apresentam em lugares compartilhados, comportamentos que são inibidos pelo ambiente público, detalhes que podem ser percebidos por comentários avulsos, ao contar uma história, atos que acontecem através de uma interação mais longa. Portanto, para mim era importante que ambos interagissem. Mas, ao acabar o trabalho de campo e verificar os dados, tinha que refletir sobre o que eles mostravam e o que eu vi no campo. Em minha análise, não que fosse a regra, minha figura masculina fez com que as conversas acabassem sendo entre dois homens. Interagia sim com o casal, mas poucas vezes interagia só com a mulher até o ponto de ofertar o questionário. Isso impulsionou que os questionários fossem respondidos pelo homem, com consequências sobre os dados colhidos.

Esse foi um detalhe que não me ocorreu em campo e é importante registrar, mas vale dizer que este trabalho não é um trabalho meramente quantitativo. O que importa para essa pesquisa é análise da minha interpretação de toda interação que tive com os tutores durante o tempo em campo, inclusive as dificuldades.

Reservava pelo menos 3 dias da semana para fazer as observações e separava pelo menos um desses dias para ir no final de semana pelo maior movimento de tutores e cães. Tive o cuidado de ir em vários horários do dia para que eu pudesse contemplar mais perfis, mas foi notável a preferência deles levarem os cães no começo da manhã ou final de tarde até o início da noite, o que é justificável pela recomendação dos especialistas (BRITO, 2018) e, talvez, por conta das atividades laborais.

Quando chegava ao parque observava se havia alguém ou algum grupo com cachorro. Se houvesse, me direcionava e verificava a possibilidade da interação entre Ziggy e os cães. Sendo positiva a inserção, não era incomum que esse número de cachorros aumentasse, era natural que a maioria dos cachorros do parque interagisse entre si. Vale dizer que alguns tutores levavam seus cães diariamente para o Parque o que acarretou uma proximidade maior e um detalhamento das suas relações com seus respectivos cães. Com algum tempo de campo, lembrando que antes já frequentava o local, criou-se uma relação mais segura entre Ziggy e esses cães que

frequentavam mais vezes o Parque, o que possibilitou uma maior facilidade de conhecer novos tutores. O fato de alguns tutores estarem ali diariamente proporcionou que eles fossem vistos como anfitriões, pois os mesmos participavam de grupos de WhatsApp para esses encontros e chamavam diferentes pessoas para essa atividade. Atividades que fugiam da área aberta do parque, pois já registrei tutores frequentadores do parque caminhando em grupo e com seus cães até o Campinho do Convento da Penha, outro ponto de turístico que fica nas proximidades.

Durante esses quase dois meses de campo fui interagindo com tutores e convivendo com suas opiniões sobre os variados temas relacionados aos cães. Sempre carregava comigo uma pequena bolsa com itens para sanar necessidades da Ziggy (sacolas, água, petisco, bolinha, pequeno pote para água), itens para registrar informações (um pequeno caderno, lápis, celular) e álcool em gel para higienização das mãos e dos itens. Os interlocutores também tinham a preocupação sanitária, a maior parte deles usavam máscara e respeitavam o distanciamento, mas por se tratar de uma área aberta alguns usavam esse argumento para não usar máscara, embora evitassem o contato físico.

Minhas conversas eram norteadas pela descrição dos relacionamentos que os tutores tinham com seus cães, assunto que nem era preciso inserir pois muitos falavam sobre isso de forma espontânea. A observação participante me permitiu permear por assuntos que não eram imaginados antes do campo. Lembro de um dos interlocutores comentar sobre a importância de manter o ambiente limpo e seguro onde os cachorros se reúnem, pois resultaria em bons olhares para os cães de maneira geral. Essa colocação me permitiu entender que, além da preocupação sobre a responsabilidade individual de cada um em recolher as fezes de seus cães mantendo o ambiente limpo e controlando comportamentos excessivos dos cães, a preocupação também recaía para a permanência dos cães no parque, pois segundo ele e outros tutores abordados o Parque Estadual da Prainha é um dos poucos lugares acessíveis em Vila Velha que se pode proporcionar esse tempo de qualidade para eles e seus animais.

Antes de ir a campo pela primeira vez, confeccionei o questionário que deveria ser preenchido pelos tutores. Nas interações, aproveitava as oportunidades para perguntar se alguns deles tinha interesse em responder ao questionário, avisava-os que era para um trabalho de conclusão de curso e que a ajuda deles me deixaria agradecido. No total, 18 tutores responderam ao questionário, mas vale dizer que o

número de tutores com os quais eu interagi foi maior do que isso. Partindo do que foi registrado nas minhas anotações de campo houveram 3 casos onde os interlocutores foram apresentados ao questionário e por razões diferentes não o preencheram. O primeiro caso foi de um casal onde o questionário foi enviado por aplicativo de mensagem, porém não obtive resposta. O segundo caso foi um envio por e-mail que também não foi correspondido e o terceiro foi de um senhor que se recusou preencher o questionário de todas formas apresentadas, alegando motivos pessoais. Ressalto que não tive contato com todos os tutores frequentadores do Parque pois, muitas vezes, optava por um grupo maior de interlocutores em vez de um menor e mais afastado, e a minha impossibilidade de onipresença no parque inviabilizou o contato com todos. Embora tenha contemplado vários horários e dias acredito que houve tutores com que não tive a oportunidade de interagir. Portanto deve-se entender que os interlocutores dessa pesquisa representam uma parcela dos tutores frequentadores do parque.

A pandemia nos privou de muitas coisas, e uma delas foi a facilidade das trocas de objetos. Como uma forma de reduzir o risco de contaminação o questionário foi aplicado das seguintes formas:

- Recolhendo o e-mail dos tutores para posteriormente mandar o link do questionário;
- Recolhendo o número de telefone para posteriormente compartilhar o questionário via aplicativo de mensagens;
- Preenchendo o questionário na hora, sendo que eu ditava as perguntas e digitava as respostas diretamente no meu celular dentro de uma distância segura para ambos. O celular tinha acesso à internet o que me possibilitou preencher o próprio formulário no local.

O fato de recolher informações como e-mail e número de contato restringiu os tutores mais reservados de participar do questionário. A hipótese de preencher o formulário na hora via o meu celular veio como alternativa para obter mais dados, com a preocupação de manter tanto o distanciamento e de evitar contatos mais próximos.

Foi utilizada a plataforma *Google Forms* para criação do questionário e a análise dos dados coletados (APÊNDICE A).

2.1 OS INTERLOCUTORES DO CAMPO: TUTORES E SEUS CÃES

O grupo (humano) observado e entrevistado durante esta pesquisa compunha-se de 18 tutores de cães, homens e mulheres, com idade entre 18 e 62 anos, residentes da região da Grande Vitória, em sua maioria na cidade de Vila Velha, que frequentavam o parque com objetivo de levar seus cães. Esses tutores distribuíam-se pelo parque, todavia, as áreas onde mais se reuniam eram dentro do campo de futebol e uma região a sudeste do parque onde há um maior número de árvores. Já os cães desse grupo eram em sua maior parte de raça e se apresentavam bem sociáveis e com bom convívio com os outros cães que frequentavam o espaço. Suas principais atividades envolviam farejar o gramado e árvores, correr em grupos em uma espécie de perseguição onde o cachorro mais veloz fazia parte da ponta e o mesmo era o fator para a corrida, socialização que envolvia cheiros e comportamentos específicos, alguns eram treinados enquanto estavam no parque, e a atividade mais marcante era a busca de objetos arremessados pelos seus tutores. Durante o campo convivi com um cachorro sem raça definida que tinha como principal atividade buscar a bolinha arremessada por sua tutora. Esse cão desconsiderava qualquer outra atividade ou mesmo qualquer animal para buscar sua bolinha. Outro ponto interessante foi a presença de lançadores de bolinhas “especializados” que consistem em uma haste de plástico com uma ponta que se encaixa na bolinha, que tem potencial para arremessa-la mais distante. Um diferencial do lançador é a possibilidade de lançar a bolinha sem ter que tocar nela. O número de cães com que tive contato foi superior à de tutores pois alguns (16,7%) tinham mais de um cão. As raças mais presentes nas observações participantes, na devida ordem, foram: Golden Retriever, Shiba Inu, Boder Collie, Labrador Retriever, Maltês e Boiadeiro-Australiano.

Durante a pesquisa de campo, que combinou a observação participante com a aplicação de questionários e a realização de entrevistas, perguntei às pessoas sobre qual seria o motivo de ter adquirido seus cães. Entre as respostas dos tutores, alguns dos motivos para se adquirir um cachorro se sobressaiu. Alegavam ter amor, paixão, desejo de ter um cachorro ou animais em geral. Essa resposta é interessante de ser analisada pois, quando questionados sobre a razão desses sentimentos, eles exploravam aspectos dos seus próprios relacionamentos com seus cães ou com cães que tiveram contato em sua vida e pontuavam companheirismo, alegria, divertimento.

Um caso especial foi da dona de um cachorro da raça Golden Retriever que alegou que amava essa raça e que tinha sofrido uma perda emocional devido à morte de um casal que possuía.

Amo golden retriever. Eu perdi um casal de goldens em 2017 e sentia muita falta deles. Após me recuperar do luto, senti que era hora de ter outro. Cães para mim são companheiros que preenchem a vida de amor. (Relato de uma interlocutora, 2020)

A entrada de um cachorro na nossa vida pode ser uma surpresa, como alegou um dos entrevistados que no seu caso recebeu um cachorro como um presente. No entanto, nas entrevistas e no questionário, muitos dos tutores falavam estritamente do companheirismo fornecido por cães, sendo o motivo principal da presença deles em suas casas. Alguns alegam ter uma relação de amizade com seus animais e que são correspondidos pela cumplicidade. Esses relatos interagem com relatos de outro trabalho feito com esse tema. Segundo Pastori e Matos (2015, p. 118), as pessoas que desejam um cão procuram neles o que alguns interlocutores chamam de “amor incondicional”, um amor que não falha, que é pura entrega e depurado de quaisquer equívocos. De acordo com as autoras alguns tutores entendem que

ter um animal de estimação em casa é ter a garantia de um afeto transbordante que remete os humanos a um lugar existencial mais seguro, afinal, eles oferecem uma segurança inexistente em seu mundo. Assim é que, ao mesmo tempo em que se processaria uma “humanização” dos animais de companhia, reconhece-se neles um elemento que inexistente no mundo humano, sendo por isso, principalmente, que se deseja que eles coabitem a intimidade no espaço doméstico. Esse elemento do mundo animal elegido pelos donos que têm animais de companhia é a incondicionalidade do amor, inexistente no “mundo humano”, cheio de fissuras, fraturas, mundo em que há o torto.

Um caso chama atenção por sair do padrão das outras respostas. Era de um jovem de 31 anos que possuía dois cachorros. Embora tivesse os dois pela companhia, um mais especificamente, foi adquirido para guarda residencial. Ele foi o único dos entrevistados que se enquadrava nesse perfil e sua relação com os seus cães pode ser entendida através do seu depoimento.

Normal, homem e cão, não considero meus filhos e nem humanizo, a relação é homem e cão e com vínculo hierárquico aonde eu mando e sou provedor do alimento. Sim, reservo hora e dia específico para atender as necessidades dos cães respeitando a individualidade dos cães! (V.A, um dos nossos entrevistados, 2020)

Algo a ser documentado nessa pesquisa foi o depoimento de um dos interlocutores de 55 anos que relatou estar passando, segundo ele, pela chamada Síndrome do Ninho Vazio que, segundo Sartori e Zilberman (2009, p. 113), é definida em algumas culturas como o sofrimento associado à perda do papel da função parental com a saída dos filhos da casa dos pais. Ele argumenta que esse seria um dos principais motivos para adquirir sua cadela.

Outro ponto presente nos motivos foi a adoção de cães em situação de rua. Esse foi um elemento presente nas discussões de alguns dos tutores entrevistados, embora ali os cães fossem na maioria de raça e comprados em criadouros especializados, uma parcela (33,3%) adquiriu seu cão de abrigos, feiras de adoção ou diretamente da rua. O debate sobre adoção responsável vem crescendo junto com as pautas da política pública sobre o tema o que tem levado ao surgimento de projetos de lei e candidaturas que tem como pauta principal a proteção animal (BAPTISTELLA e ABONIZIO, 2017). Em Leroy e colaboradores (2015) pudemos observar o fato desse fenômeno estar atingindo níveis de organização via as redes sociotécnicas de comunicação por pessoas auto intituladas protetoras dos animais. Essa rede se responsabiliza por todos os níveis da cadeia de proteção e cria meios para amenizar o sofrimento desses animais abandonados, com intuito final de disponibilizar lares com tutores responsáveis para os mesmos.

Os dados mostraram com qual a frequência o grupo levava seus cães para o parque. Verificamos que 61,1% do grupo leva seus cães apenas uma vez por semana, e esse único dia normalmente é no final de semana. Nos finais de semana, o parque, normalmente, tem muito mais gente realizando atividades de lazer, o que já era esperado. No caso da presença de cães, isso se expressava na forma de grupos espontâneos ou mesmo organizados via aplicativo WhatsApp, o que mostra um nível de organização para essas atividades nas quais os tutores valorizam a socialização dos cães. Na outra ponta, tivemos uma menor porcentagem dos tutores que levavam seus cães diariamente para a Prainha. Essa fração do grupo se mostrava mais disposta em investir, sentia maior necessidade ou simplesmente gozava de mais tempo para incluir essas atividades no seu cotidiano, e o que todos eles tinham em comum era o tipo de sua residência: moravam em apartamento, sendo o tipo de domicílio mais corrente entre todo o grupo abordado, atingindo a marca de 83,3% das respostas do questionário.

A verticalização é um ponto importante para se discutir sobre a vivência desse grupo, pois nos mostra alguns aspectos do estilo de vida desses tutores, pois como argumenta Ueda (2012, p. 170;171) a banalização desse tipo de moradia leva

à degradação da qualidade de vida, tanto daqueles que o habitam como daqueles que habitam a cidade. A alta densidade vertical, principalmente quando mal planejada, é relacionada a diversos problemas, como congestionamentos, falta de insolação, ventilação e privacidade, além da separação entre os espaços da habitação e da rua.

Diante dessas questões, entendemos que o Parque da Prainha se converte em um espaço para expressões dos habitantes que o resto da cidade não comporta. Ali torna-se uma zona capaz de abarcar as atividades que alguns dos habitantes da região central de Vila Velha desejam e necessitam, porém não são contemplados com o espaço necessário para praticá-las. Atividades que ali se encaixam, são as mesmas que fazem a manutenção do vínculo entre os tutores e cães, fazendo do parque uma ferramenta importante para qualidade de vida de ambos.

2.2 O TERRITÓRIO DA PESQUISA

O Parque Estadual da Prainha possui um espaço aberto repleto de árvores onde o gramado se estende por quase toda sua totalidade. Existe um campo de futebol, muito frequentado pelos tutores de cães mais inseguros em deixar seus animais soltos, banquinhos à beira mar, uma peixaria no lado direito ao fundo do parque, muito movimentada aos finais de semana. É um espaço destinado a grandes eventos da cidade como a missa da Festa da Penha, encontros de moto clubes, shows gratuitos e festas folclóricas. Também comporta parte da atividade pesqueira da cidade possuindo grande trânsito de barcos e pescadores.

Ao caminhar pelo parque durante a pesquisa de campo, observei vários grupos de pessoas isolados que exercem atividades como exercícios físicos em circuito, aulas de luta, corrida, futebol, passeio com crianças... Alguns soltam pipa, outros fazem piqueniques, realizam encontros de carros de controle remoto... E há os tutores com seus cães. O local se enquadra no ideal de um parque onde as pessoas vão para lazer e outras atividades semelhantes, variando apenas o tipo de movimentação e as atividades de acordo com o dia da semana, o horário e o clima.

A Prainha, como é popularmente chamada, fica localizada no centro da Cidade de Vila Velha e carrega grande apreço histórico para cidade. Pois

[...] ali desembarcaram os principais viajantes nacionais e estrangeiros dos séculos passados que estiveram em visita ao Convento da Penha. Dali partiu a primeira viagem da imagem da Virgem da Penha em visita à Vitória em 1669 [...]. Presenciou o desembarque dos holandeses em 1653, na ocasião em que se deu o grande saque ao Convento da Penha. Finalizando, ali aconteceu o início da Colonização do solo espírito-santense. (D'ALCANTARA, 2014)

É rodeada pelas Escolas de Aprendizes Marinheiros do Espírito Santo (EAMES) e pelo 38º Batalhão de Infantaria do Exército Brasileiro, o que gera um fluxo de jovens que transitam a pé e de bicicleta. O parque é próximo também de dois pontos que recebem muitos turistas: Casa da Memória e Igreja Nossa Senhora do Rosário, que é a igreja mais antiga do Espírito Santo (Portal do Iphan, [s.d]).

Para os cachorros é um espaço ideal para estímulos olfativos e sociais fornecendo condições para um tempo de qualidade juntamente com seus donos e outros animais.

Figura 1 - Imagem de Satélite do Parque Estadual da Prainha:



Fonte: Google Earth, 04 de abril de 2021.

Fotografia 2 - Foto de dentro do campo de futebol no Parque Estadual da Prainha:



Fonte: Acervo Pessoal, 02 de novembro de 2020.

2.3 BUSCA PELA METODOLOGIA

A minha busca pela metodologia levou em consideração que o campo seria feito em um território conhecido e frequentado por mim. Esse é um ponto importante para se discutir como a antropologia evoluiu através das críticas que visavam uma disciplina que não abordasse só as chamadas “sociedades primitivas” ou aquelas que eram consideradas distantes. Produto desse desenvolvimento da disciplina é a compreensão de que o antropólogo é

alguém que discorre sobre o discurso de um “nativo”. O nativo não precisa ser especialmente selvagem, ou tradicionalista, tampouco natural do lugar onde o antropólogo o encontra; o antropólogo não carece ser excessivamente civilizado, ou modernista, sequer estrangeiro ao povo sobre o qual discorre. (CASTRO, 2002, p. 113)

Portanto, através desta afirmação de Viveiros de Castro são concebidos dois agentes – e suas características – importantes para os trabalhos de campo na antropologia. Me encontro como observador (e não apenas) dentro dessa pesquisa, assim não estive distante do grupo em que ia discorrer. Essa proximidade não me impossibilita de realizar uma etnografia, no entanto deveria seguir algumas recomendações.

Sobre os “nativos” dessa pesquisa são os tutores de cães que frequentam o Parque da Prainha. Embora eles estejam localizados na mesma cultura que o observador, o papel do segundo é de dar forma ao conteúdo que é passado pelo primeiro, conforme (CASTRO, 2002, p. 115). Entendo que ambos são sujeitos e ambos têm vozes dentro desse discurso, e nesse caso estavam situados no mesmo território, o que faz valer cada posição – de antropólogo e “nativo” – é o tratamento que cada uma das partes têm com a cultura. O antropólogo deve em sua atividade exprimir sua cultura de maneira reflexiva, condicional e consciente. Enquanto o nativo se relaciona com a cultura de maneira natural, isto é, intrínseca e espontânea, e, se possível, não reflexiva e melhor ainda se for inconsciente (CASTRO, 2002, p. 114).

Foi exatamente esse o ponto que criou a possibilidade da realização desta pesquisa como ela foi planejada. As minhas indagações e consciência sobre o objeto me levaram para a posição de antropólogo na perspectiva do autor citado, pois embora antes desta pesquisa eu já coexistisse nesse território como “nativo”, à proporção que comecei a exteriorizar, intencionalmente, algumas reflexões sobre o que acontecia ali, passei a me transfigurar para a outra personagem do trabalho de campo na antropologia.

Cabe afirmar que ao utilizar aqui o conceito de nativo não pretendo reduzir os tutores (e seus companheiros caninos) a um objeto somente para investigação. Eles são sujeitos que operam suas vidas de acordo com sua cultura, assim como os antropólogos. O que foi do meu interesse e o que me levou à minha configuração de agente observador foi a busca pela confecção de *conceitos* para compreensão daquilo que interpreto a partir do contato com tais agentes, tendo cautela para não levantar nenhum tipo de informação equivocada através de um autoritarismo em minha escrita, pois como Castro (2012, p.119) diz:

a diferença, ou diferença real, é entre o que pensa (ou faz) o nativo e o que o antropólogo pensa que (e faz com que) o nativo pensa, e são esses dois pensamentos (ou fazeres) que se confrontam.

Esse confronto é necessário para construção do diálogo que nos leva para regiões dentro da narrativa em que não prevaleça nenhum autoritarismo por parte do antropólogo e nem demasiadamente só o discurso do “nativo”, deste modo o confronto deve poder produzir a mútua implicação, a comum alteração dos discursos em jogo, pois não se trata de chegar ao consenso, mas como dito acima, ao conceito (CASTRO, 2002, p. 119).

Para que fosse praticado um contato sem a pretensão de exercer uma discussão autoritária, foi importante para mim criar um canal para que suas vozes fossem entendidas como parte fundamental da discussão. Por consequência, esta pesquisa enxergou os tutores como parte essencial para se obter a compreensão do assunto tratado. Todo esse processo polifônico é um desafio a ser superado no campo, dado que ao problematizarmos a

autor(idade) estamos problematizando algo que nem sempre é levado em conta pelo pesquisador, portanto podendo ser facilmente transformada em autoritarismo, uma vez que o *poder* (lembremo-nos de Foucault) sempre presente e do lado da sociedade a que pertence o pesquisador, jamais é por ele próprio questionado. (OLIVEIRA, 1995, p. 221)

Convém deixar mais cristalino o tema a partir da afirmação de que

nessa fusão de horizontes o pesquisador apenas abre espaço à perspectiva do Outro, sem abdicar da sua, uma vez que o seu esforço será sempre o de traduzir o discurso do Outro nos termos do próprio discurso de sua disciplina. (OLIVEIRA, 1995, p. 223)

Ainda sobre o ponto da construção dessa via dupla trago outra declaração que diz que

se a interpretação antropológica está construindo uma leitura do que acontece, então divorciá-la do que acontece – do que, nessa ocasião ou naquele lugar, pessoas específicas dizem, o que elas fazem, o que é feito a elas, a partir de todo o vasto negócio do mundo – é divorciá-la das suas aplicações e torná-la vazia. (GEERTZ, 1978, p. 27)

Portanto, esta pesquisa não teve a pretensão de esgotar o assunto tratado. Não vejo esse estudo gerando informações definitivas que parem sobre as personagens de forma engessada e muito menos perpétua. Enxergo a pesquisa como um pequeno fragmento, ou mesmo um *frame* da realidade social investigada, em que não se pode debruçar em nenhum tipo de indubitabilidade inabalável. Pois, como Geertz (1978, p. 39) reitera, a análise cultural é intrinsecamente incompleta e o que é pior, quanto mais profunda, menos completa. E, aprofundando-se sobre o assunto, ele articula que a vocação da Antropologia Interpretativa não é responder às nossas questões mais

profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que outros deram, e assim incluí-las, no registo de consultas sobre o que os humanos falaram (GEERTZ, 1978, p. 41). Desta maneira, a pesquisa não poderá ser válida como uma descrição insuperável da realidade social que se recorta. Deve-se entender este trabalho como um aporte para a compreensão da relação entre humanos e não-humanos naquele território, naquela temporalidade e envolvendo todos os agentes supracitados. Contudo, esta pesquisa é apenas um dos múltiplos elementos que compõem a busca do entendimento sobre o que o ser humano interpreta sobre ele mesmo.

3 MERCADO PET, CONSUMO E HUMANIZAÇÃO

Nesta parte, a discussão vai ao encontro de como o mercado pet vem se transformando junto com as características de consumo e responsabilidade dos donos de animais de estimação. Segundo Osório (2016), podemos ver uma relação positiva entre os pontos supracitados, que pode ser explicada pelo reforço de alguns aspectos que são notáveis nos tempos atuais e que remetem à humanização. O mercado pet vem se utilizando de narrativas que abordam a sensibilidade dos donos e suas relações mais íntimas com seus animais de estimação também para fortalecer a venda de produtos. Durante o processo dessa pesquisa, tive contato com grandes lojas do ramo pet e no seu interior verifiquei produtos que reforçam essa argumentação, como bichos de pelúcia, cerveja para cachorros, sapatos. Também registrei discursos que reforçam relações reais ou fictícias de parentesco no ambiente da loja Cobasi de Vila Velha, onde o som da loja chamava os clientes de “pais de pet” em seus anúncios.

Esse fenômeno não se restringe a utensílios de divertimento ou agrado. A medicina veterinária também foi atingida por essa humanização. Comportamentos não desejáveis de animais estão sendo entendidos como patologias o que leva donos de cachorros a irem no veterinário para solucionar sintomas como sonolência, apatia e o que entendem como tristeza. Esses sintomas são o que os tutores costumam associar a um diagnóstico de depressão canina, o que promove uma medicalização do animal e esforço para sanar esse problema, mas em muitos casos esses sintomas são expressões de outras patologias como Ansiedade de Separação (SASA), uma patologia canina cada vez mais estudada e com tratamentos específicos. Todo esse processo que envolve os donos, os cães e as clínicas veterinárias nos mostra uma aparente associação entre comportamentos humanos e animais (SEGATA, 2012).

O surgimento dessas patologias em cães deve-se ao prolongamento e à mudança do estilo de vida desses animais, o que dá oportunidade para doenças, que normalmente não teriam condições para se desenvolver, apareçam. O prolongamento da vida dos cachorros se dá pelo

alto investimento em equipamentos, diagnósticos, intervenções cirúrgicas, procedimentos clínicos e um vasto mercado que congrega medicamentos e outros dispositivos que definem saúde, doenças e estética a partir de modelos biomédicos da medicina humana e sua infraestrutura global. (SEGATA, 2016, p. 831)

Acompanhada do prolongamento da vida, a mudança de hábitos desses cachorros também favoreceu o aparecimento das alterações da saúde e o do mercado pet. A verticalização dos domicílios e o ritmo de vida dos seus donos faz com que os cães se distanciem de suas necessidades básicas, como alimentação saudável, atividades físicas, mentais e sociais, o que pode gerar inconveniências futuramente, tais como excesso de peso, ansiedade de separação, estresse, reatividade. Esse movimento levou o mercado especializado a criar produtos específicos para enriquecimento ambiental com o intuito de minimizar os transtornos.⁴

Para avançarmos sobre o tema do mercado pet é interessante fazermos um breve resgate histórico. Um bom produto para analisarmos sobre a evolução desse mercado, especialmente brasileiro, é a ração. É interessante destacar que cães nem sempre tiveram a oferta de rações em suas refeições. Até a década de 1980, grande parte da população canina brasileira era alimentada por restos de comida de seus donos, e indústrias que produziam esse produto quase não existiam no Brasil (MAZON e MOURA, 2017, p. 149).

Segundo Mazon e Moura (2017) esse panorama mudou quando as rações para pets foram sendo introduzidas no mercado brasileiro sob a influência do mercado internacional. Em meados da década de 1970, as rações foram sendo comercializadas em casas de agropecuária, onde a maioria das pessoas comprava rações para animais de trabalho. Sem muita variedade e com desconfiança dos proprietários, as rações foram com o tempo se tornando cada vez mais especializadas e, conseqüentemente, atraindo cada vez mais consumidores que já estavam reformulando o significado de seus animais de estimação. Esse processo pode ser exemplificado através da história de lojas que foram se adaptando ao novo mercado por entender a demanda existente. Um exemplo dessa adaptação é

⁴ “O enriquecimento ambiental nada mais é do que deixar o ambiente em que o cachorro – ou gato – vive mais divertido, atrativo e desafiador para ele. Essa técnica tem como objetivo aumentar a interação do animal com o espaço de forma lúdica e positiva. Além disso, ajuda a manter o pet entretido e as suas características (olfato e audição aguçados) e atividades caninas (busca por alimentos, cavar, explorar), constantemente estimuladas.” (PERES, [s.d])

O relato da trajetória dos negócios da família Sens⁵ e sua passagem do setor agropecuário dedicado a animais de grande porte e que se especializa com exclusividade no setor de animais de estimação [o que] mostra não só este processo de mudança como também a diversidade das relações de interinfluência entre a colocação de novos itens de mercado à disposição dos clientes ao mesmo tempo em que a busca de novos itens especializa determinados setores numa dupla entrada. (MAZON e MOURA, 2017, p. 155)

Hoje enxergamos um contraste entre o atual cenário e o das décadas passadas. Tem-se à disposição um mercado pet que tenta suprir as necessidades básicas e as criadas para os nossos animais de estimação. Com números expressivos de faturamento, esse mercado cresce de acordo com a adaptação as novas demandas dos consumidores do ramo. De acordo com Lima e colaboradores (LIMA, LIMA, *et al.*, 2013) pet shops inovam com produtos diferenciados, como esmaltes e refrigerantes, salões de beleza para animais que oferecem novos tipos de banhos, tosas e secagem de pelos, com produtos importados de alto nível e serviços de entrega.⁶

No artigo realizado por administradores (LIMA, LIMA, *et al.*, 2013), foram apontados os principais aspectos relacionados à inovação que podem ser influenciadores no processo de compra no mercado de Pet Shops no Brasil. O que é digno de destaque desse estudo é a presença, dentre vários outros elementos, da visão de cães como membros da família como um dos fatores influenciadores do consumo pet. O artigo aponta que os depoimentos coletados revelaram que os animais de estimação estão sendo considerados integrantes da família, fazendo com que os consumidores visem as melhores ofertas de serviços, sem privações por conta de preços, pois o objetivo é proporcionar uma melhor qualidade de vida para eles. Abaixo no Quadro 1, estão expostos os outros discursos apontados pelo artigo como influenciadores no consumo pet. Apresentar esses elementos também tem como objetivo delinear um perfil do consumidor pet para facilitar a compreensão do leitor nos debates propostos neste trabalho.

⁵ Os negócios da família Sens se iniciam entre as décadas de 1950 e 1960. Radicados na comunidade de Taquaras, no interior de Rancho Queimado, SC, essa família já desempenhava atividades com a agricultura, a pecuária e um pequeno comércio. (MAZON e MOURA, 2017, p. 150)

⁶ Como exemplo de inovação na logística podemos usar o caso de novos modelos de entrega de mercadorias adotados pela rede de produtos especializados para animais Petz. (VITORINO, 2021)

Quadro 1 - 12 discursos que ilustram os aspectos mais relevantes para inovação do consumo pet.

Discurso 1	Bem estar do Animal
Discurso 2	Entretenimento pessoal
Discurso 3	Comodidade dos Clientes
Discurso 4	Confiança e segurança dos consumidores
Discurso 5	<i>Animal é visto como membro da família</i>
Discurso 6	Troca por percepção de vantagem
Discurso 7	Experimentação
Discurso 8	Preço
Discurso 9	Satisfação advinda do atendimento
Discurso 10	Qualidade de inovações percebidas
Discurso 11	Qualidade
Discurso 12	Compra por impulso

Fonte: elaboração do quadro pelo autor a partir de (LIMA, LIMA, et al., 2013).

Nas linhas acima, vimos as alterações do mercado pet numa pequena retrospectiva histórica onde se observaram mudanças de hábitos dos consumidores e as atualizações a que o mercado pet aderiu para suprir as novas demandas do ramo. A proposta agora é apresentar alguns dados para elucidar a situação do mercado pet mundial e consequentemente posicionar o mercado brasileiro na atualidade.

Podemos começar pontuando que o mercado pet global cresce desde o início dos dados aqui levantados. Um marco para o mercado brasileiro foi no ano de 2018 onde o Brasil alcançou a segunda colocação mundial em faturamento, representando 5,2% do faturamento global. Os Estados Unidos lideram o faturamento nos últimos anos variando sua proporção em torno dos 40% do faturamento global.

Um dado relevante é o vertiginoso crescimento do mercado pet da China, onde segundo os dados examinados neste trabalho, passou de 9º colocado em faturamento no ano de 2017 para a segunda colocação no ano de 2019.

Abaixo exponho gráficos retirados dos relatórios anuais da ABINPET (2018), (2019) e (2020) que utilizaram dados da Euromonitor, como forma de ilustrar evolução do mercado pet global nos últimos anos.

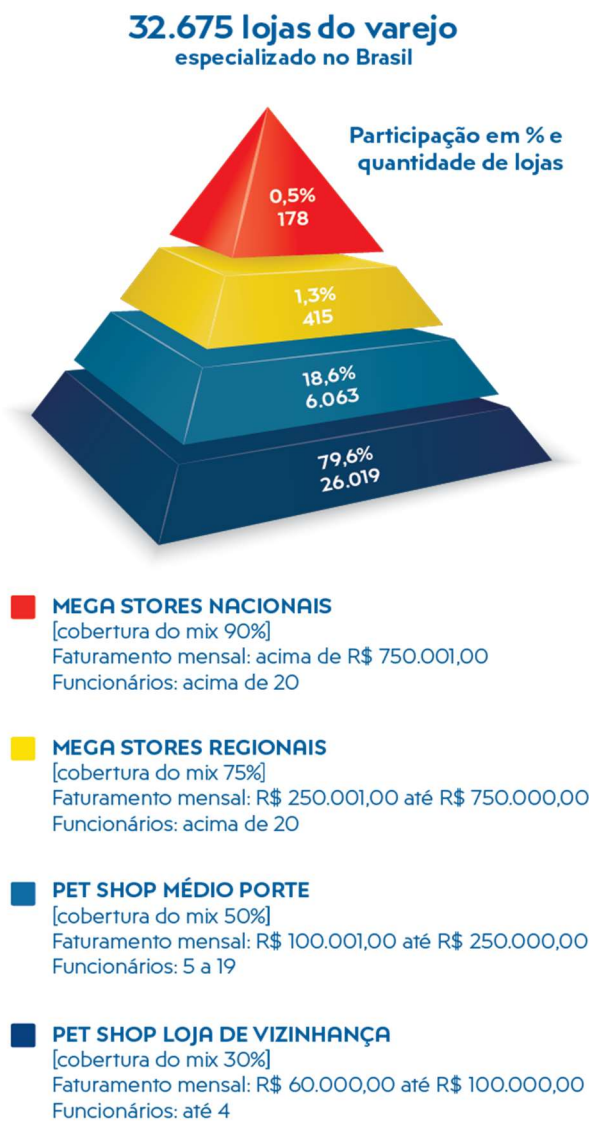
Gráfico 1 – Faturamento do Mercado Pet Mundial dos anos de 2017, 2018 e 2019.



Fonte: Euromonitor, elaboração dos gráficos pela ABINPET e edição (união das imagens) do autor.

Para acrescentar mais detalhes sobre o mercado pet brasileiro apresento outro gráfico reproduzido pelo Instituto Pet Brasil (2020) que traz informações sobre o perfil das lojas do varejo especializado no país no ano de 2019.

Gráfico 2 – Perfil das lojas do ramo de Pet Shop no Brasil em 2019.



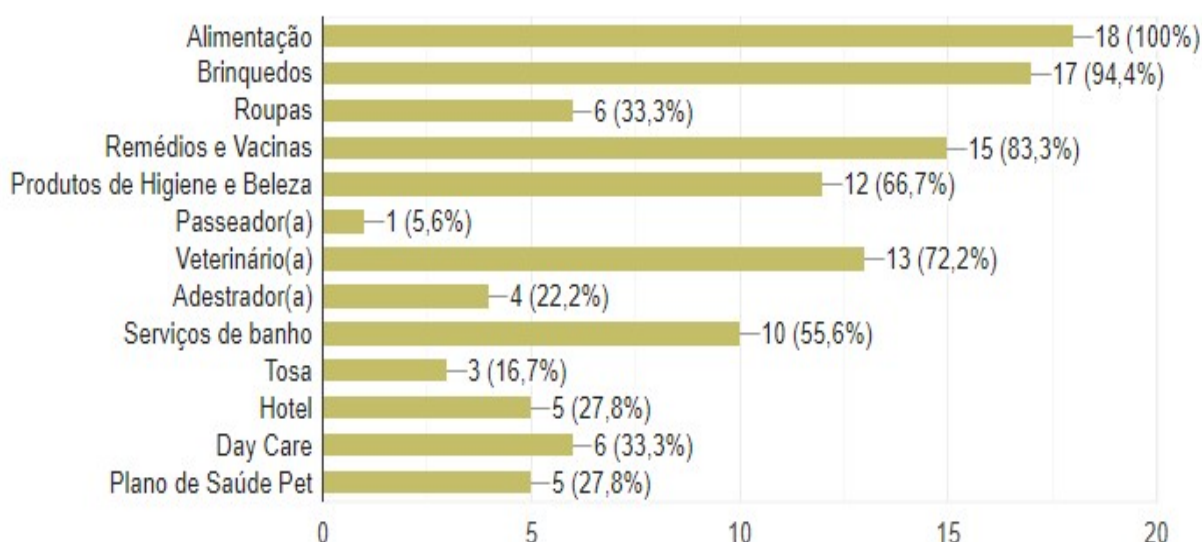
	2018	PARTIC.	2019
TOTAL DE LOJAS	31.640	%	32.675
MEGA STORES NACIONAIS	172	0,5	178
MEGA STORES REGIONAIS	401	1,3	415
PET SHOP MÉDIO PORTE	5.871	18,6	6.063
LOJA DE VIZINHANÇA	25.195	79,6	26.019

Fonte: Instituto Pet Brasil, CFMV, ABRAS e RAIS.

3.1 CÃES, TUTORES E O MERCADO PET LOCAL

Agora apresento alguns dados obtidos através do questionário aplicado aos interlocutores dessa pesquisa. Com intuito de investigar o envolvimento do grupo estudado com o mercado pet local, inseri no questionário algumas perguntas que me auxiliaram na tentativa de delinear um perfil de consumo. Dentre as perguntas, estava a que interrogava sobre quais produtos ou serviços que os cachorros desfrutaram ao menos uma vez no último ano. O resultado pode ser melhor retratado através do Gráfico 3.

Gráfico 3 – Produtos e Serviços que foram consumidos pelos tutores e seus cães ao menos uma vez no último ano antes da aplicação do questionário.



Fonte: Elaborado pelo autor usando o *Google Forms*, 2020.

A partir do gráfico levanto algumas questões sobre o perfil de consumo dos tutores. É possível observar a maior quantidade de contato com brinquedos do que com remédio e vacinas. Isso demonstra, em menor escala, a influência do mercado pet em delimitar as necessidades básicas dos cães. Pois como sugere Osório (2016) a infantilização está

relacionada tanto à antropomorfização quanto ao novo status do animal de estimação como membro da família. Representado como uma criança inocente e capaz de amor incondicional, ele é mimado com uma série de produtos característicos da infância, como brinquedos e guloseimas.

Outro ponto destacado no gráfico é o recente serviço para os animais de estimação: o plano de saúde especializado. Contemplando quase 28% dos tutores que apliquei o questionário, esse serviço começou a se expandir 2013 no Brasil (VARELLA, 2021), no entanto, na cidade de Vila Velha, onde foi realizada minha própria pesquisa de campo, encontrei com facilidade ao menos 2 clínicas com esse serviço durante o mês de outubro de 2020.

Produtos de higiene e beleza estão presentes nas respostas de 66,7% dos entrevistados. Esse é um ponto importante para se discutir a higienização dos cães observados. Pois assim como alguns tipos de roupas, serviços de banho e tosa, esses produtos de higiene são expressões da humanização que dirigimos a esses animais. Parte dessa humanização está relacionada ao controle de certas características animais. Ao possuírem vestimentas que se assemelham às nossas e procedimentos de higiene compatíveis com os nossos domicílios, repreendemos o que vemos de animalesco em nossos pets, tornando-os cada vez mais parecidos com os humanos. Como exemplo, esse controle se estende, segundo Segata (2012, p. 207), ao balanço de certos componentes da ração que fazem produzir fezes sem odor e de consistência apropriada para não sujar o chão.

Serviços de Hotel para pets e *Day Care*, também conhecidos como creches entre os tutores, estão na linha dos serviços que visam sanar necessidades dos cães e dos donos. O Gráfico 3 mostra que esses serviços são consumidos por pelo menos um terço dos entrevistados, validando uma das minhas hipóteses que era averiguar se esse tipo de serviço é consumido por cães e tutores do parque. Hotéis são muitos usados para organização de férias em famílias em que os cães não podem ir junto, então são alojados em unidades especializadas para passar esse período longe dos tutores. *Day care* é um serviço especializado para interação entre cachorros para fortalecer a socialização entre eles. Entre os objetivos desse serviço estão: exercício físico fundamental para a saúde dos cães, socialização com outros cães, estímulos mentais.

Outro item para investigação do consumo é a própria forma de aquisição dos cachorros. A maior parte dos tutores (61,1%) adquiriu seu(s) cachorro(s) comprando-o(s) em criadouros. Isso nos leva para outro tópico importante, já mencionado, que é a maior presença de cães de raça. Durante as observações participantes, era notável uma maior presença de cachorros de raça. Perguntados sobre a escolha de possuir

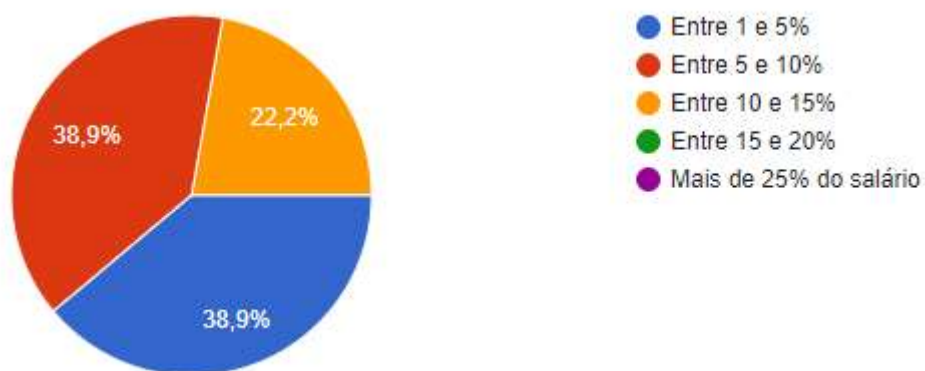
um cão de raça a maior parte relatou a segurança de ter um cachorro por meio de criadouros profissionais. Essa segurança estaria relacionada a personalidade dos cachorros que futuramente será adquirido. Raças e padrões de comportamentos são associados de maneira que o potencial dono possa escolher o cachorro que melhor se encaixe em sua rotina ou seu objetivo de obter um animal. Há associações entre raças e relacionamento com crianças, ativos ou mais calmos, grandes ou pequenos, problemas de saúde comuns, temperamento, gasto com procedimentos estéticos, funcionalidades que vão de pastorear até proteger as casas, até a questões de status e padrão de beleza.

Já os cachorros sem raça definida, conhecidos como “vira-latas” seriam então uma questão mais sensível de lidar, pois questões como tamanho, personalidade, temperamento, saúde ficariam no campo da dúvida pois não teriam um padrão definido, usando as palavras de umas das entrevistadas, seriam uma “bomba-relógio”.

Os entrevistados não possuíam mais que dois cachorros em seu domicílio, embora pelo menos um terço do grupo possuísse outros animais. São em sua maioria homens (55,6%) casados com renda superior a cinco salários mínimos – esse valor leva em consideração a soma dos rendimentos de todos envolvidos no cuidado do(s) cachorro(s). A respeito de uma responsabilidade direta sobre os cães podemos dividir as respostas em 3 em tipos. A primeira resposta e mais frequente, chegando a mais de 60% dos casos, é que apenas uma pessoa era responsável diretamente pelas necessidades de seus cães. Em seguida, foi mencionada a responsabilidade dividida entre casais e, por último, a responsabilidade dividida entre toda a família. Aqui entendeu-se responsabilidade como ações como levar para passear diariamente, repor comida, limpeza, cuidados veterinários, atenção e semelhantes.

Contudo, mensalmente, o grupo estudado gasta as seguintes porções do seu salário com seus pets. A menor parte (22,2%) chega a gastar mensalmente com os seus cães entre 10% a 15% do seu salário. As outras duas partes iguais (38,9%) gastam respectivamente entre 1% a 5% e 5% a 10% do salário. As informações podem ser conferidas no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Parcela dos gastos mensais com seus cães referente ao salário.



Fonte: Elaborado pelo autor usando o *Google Forms*, 2020.

4 FAMÍLIA E RESPONSABILIDADE MULTIESPÉCIE

Assim como o mercado pet se atualizou com o tempo, o que entendemos como família também se reformulou. Ao falar de família, alguns irão discorrer sobre seu aspecto biológico onde cada família é constituída pelos seus laços consanguíneos onde esse traço natural é fundamental para o alicerce desse grupo. Mas esse entendimento deve ser ultrapassado por sua definição excludente. Como argumenta Mandelbaum (2019), a família deve ser entendida como uma instituição social, portanto ela é histórica. O fato dela ser histórica nos faz entender que ela sofre alterações com o tempo de acordo com as transformações sociais, econômicas, demográficas e geográficas. Segundo a autora, os arranjos familiares eram vistos como naturais ou mesmo representações divinas em algumas sociedades ocidentais modernas, o que cristalizou o nosso entendimento de certo padrão familiar. Tanto sob influência do patriarcado ou mesmo da religião, o entendimento do que é a família foi instituído com base no padrão consanguíneo e heterossexual. Na medida que as relações afetivas dos indivíduos foram se tornando cada vez mais relevantes na sociedade, esse padrão familiar foi se evidenciando gradativamente mais excludente.

Diante das mudanças sociais e culturais nas sociedades ocidentais se tornou cada vez mais desafiador delimitar o que é família. Pois

vivemos uma época como nenhuma outra, em que a mais naturalizada de todas as esferas sociais, a família, além de sofrer importantes abalos internos tem sido alvo de marcantes interferências externas. Estas dificultam sustentar a ideologia que associa a família à ideia de natureza, ao evidenciarem que os acontecimentos a ela ligados vão além de respostas biológicas universais às necessidades humanas, mas configuram diferentes respostas sociais e culturais, disponíveis a homens e mulheres em contextos históricos específicos. (SARTI, 2010, p. 21)

Como efeito dessa diversidade contemporânea, a família vem tomando vários arranjos que antes não eram inseridos dentro do conceito. Famílias estendidas, monoparentais, homoafetivas estão sendo evidenciadas com o objetivo de que elas não fiquem de fora das políticas públicas e que suas representações afetivas sejam levadas em conta para se construir um conceito de família compatível com a realidade social.

O debate desse conceito neste trabalho tenta elucidar o dinamismo que a definição do conceito de família necessita para abarcar todas as transformações sociais e culturais. O que é interessante de ser debatido, e é o que traz o tema para essa

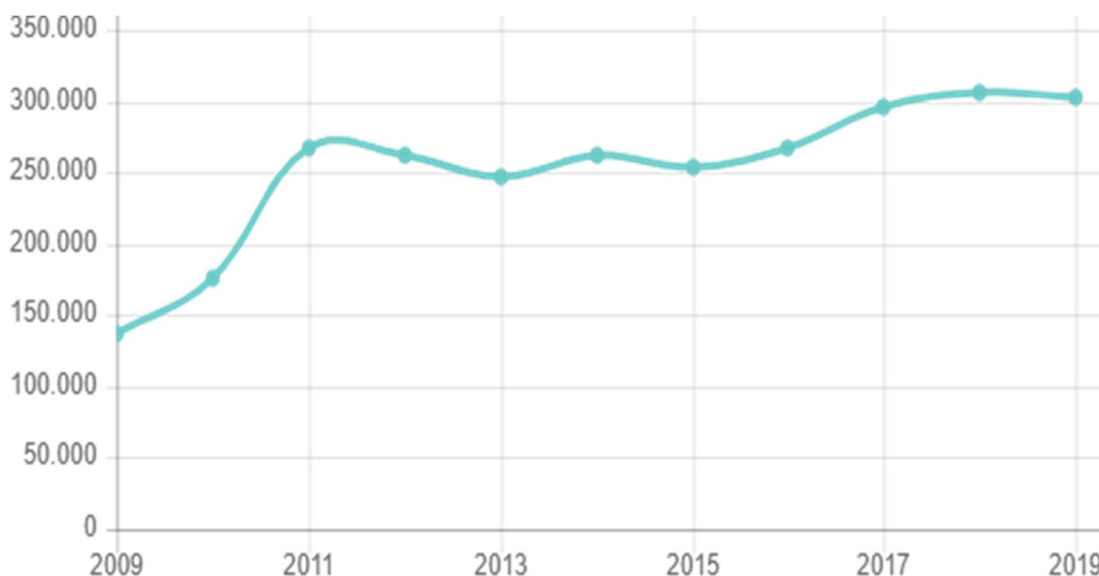
pesquisa, é a constatação do que alguns autores como (OSORIO, 2016) e (PASTORI e MATOS, 2015) vem chamando de famílias multiespécie ou multiespecífica em nosso tempo. Entender as novas dinâmicas sociais é fundamental para o entendimento mais amplo da humanidade. Devemos olhar essas expressões e tentar compreender os seus significados para os indivíduos e observar seus impactos nas sociedades.

Seguindo Sarti (2010) podemos pensar a família como uma categoria que se constitui pelo discurso sobre si própria, ou seja, essa categoria teria o sentido atribuído a ela constituído por quem a vive, considerando-o como ponto de vista. Partindo dessa informação podemos compreender que algumas das famílias que são estudadas aqui são famílias multiespécie, pela razão de que os membros desse grupo de pessoas se enxergam dessa maneira. Esse reconhecimento é desencadeado por uma série de laços afetivos com os indivíduos que pertencem ao grupo familiar, que, nesse caso, não se restringe a indivíduos humanos.

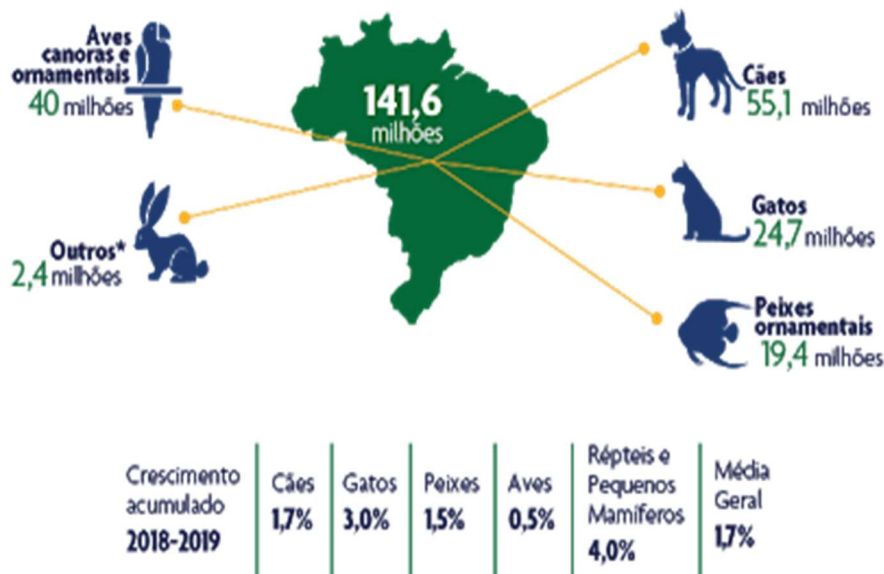
Para refletir sobre esse assunto, analisaremos agora o que essas novas configurações podem impactar nas sociedades ocidentais, e, como exemplo, será apresentada uma situação jurídica do nosso país envolvendo essas famílias multiespécie.

Existe uma conjuntura que vem chamando a atenção do judiciário brasileiro nos últimos anos. Com uma taxa de divórcio (Gráfico 5) e número de animais de companhia (Gráfico 6) crescentes, o Brasil vem acumulando ao longo dos últimos anos casos de guarda compartilhada, onde, em vez do filho humano menor de idade, é o animal de estimação que vai passar pelo processo de divisão de custódia. Dentro dessa conjuntura Chaves (2016) argumenta que

o número de lares com “filhos de quatro patas” ou “filhos de pelo” supera o número de filhos humanos. Nessa lógica, muitas vezes a pergunta “quem ficará com o Júnior?” será substituída ou acompanhada do questionamento “quem ficará com a Fifi ou com o Mingau?”. E essas indagações e as conseqüentes disputas só existem em virtude dos vínculos emocionais e as relações afetivas edificadas entre pessoas e animais de companhia dentro das famílias.

Gráfico 5 – Série histórica de registo de divórcio no Brasil de 2009-2019.

Fonte: IBGE. Disponível em: <https://bityli.com/7bFF9>.

Gráfico 6 – População de animais de estimação no Brasil em 2019.

Fonte: (ABINPET, 2020)

Esta é uma questão que preocupa o judiciário pela dificuldade de representar esse novo membro da família dentro do estatuto jurídico. Embora alguns tribunais dos EUA já tenham concedido personalidade jurídica a não-humanos como navios e

corporações, o debate de como tratar os animais de companhia dentro de um estatuto jurídico permanece amplo por se tratar de seres sencientes. Alguns vão argumentar que eles devem ser tratados como propriedade ou mesmo como “propriedade viva”, mas a argumentação esbarra na capacidade de sentir desses animais onde eles não poderiam se enquadrar como uma simples coisa (CHAVES, 2016).

A evolução do lugar do animal de estimação, especificamente do cão, dentro do espectro familiar levanta reflexões acerca da nossa responsabilidade sobre esses animais. A frequente analogia entre cães e crianças feita por alguns tutores tem outro impacto no judiciário. Essa analogia pode ser sustentada pela necessidade de suporte para uma vida com qualidade, mas, ao contrário da criança, o cão não obterá sua autonomia dentro do espaço urbano. Quando nos deparamos com um caso de divórcio que envolve um animal de estimação, o que temos ali é uma situação onde um ser vulnerável deverá ter seus direitos preservados e não a disputa da posse de uma propriedade. É nesse ponto que temos um impasse.

Nossa legislação não acompanhou essa transformação do círculo familiar, o que gera dificuldades em tratar esses casos por eles não se enquadrarem nos códigos tradicionais. Alguns juristas buscam o enquadramento desses animais de companhia como bens semoventes – propriedades com movimentos próprios, exemplo: boi – o que também não representa a realidade vivida por essas famílias multiespécie.

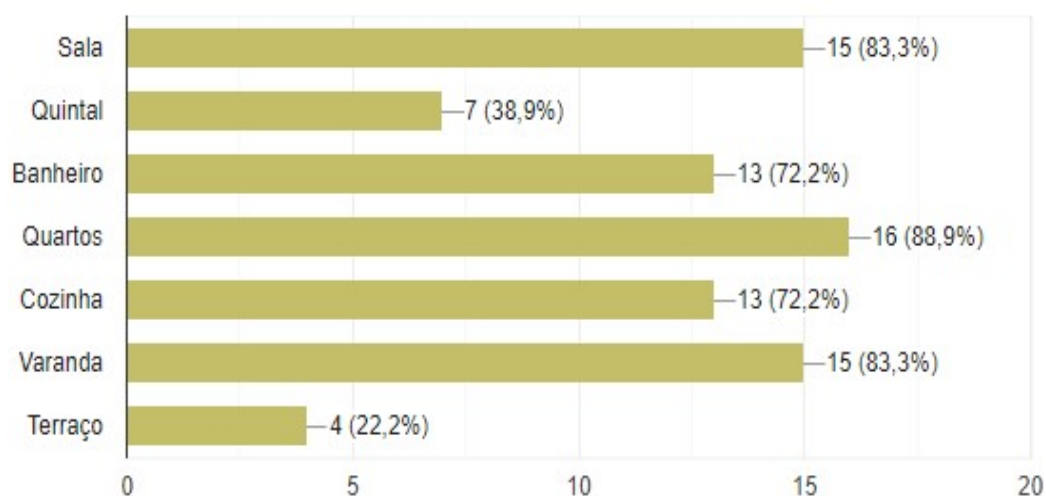
O que se sabe até agora é a necessidade da evolução dos nossos códigos para tentar acompanhar a realidade social. Espera-se que as relações entre humanos e não-humanos das entidades familiares possam ser tuteladas pelo direito de forma específica e coerente, tecnicamente precisa e harmonizada em futuro próximo (CHAVES, 2016).

Portanto, pensar sobre família como uma realidade que se constitui pelo discurso sobre si própria, permite pensar como ela se constrói culturalmente dentro dos parâmetros coletivos do espaço-tempo em que vivemos, parâmetros que regulam nossas relações de parentesco entre irmãos, entre pais e filhos, entre marido e mulher (SARTI, 2010). Podendo inserir agora a relação entre pais e seus animais de estimação ou como chamados, filhos de patas.

4.1 ASPECTOS DA RELAÇÃO MULTIESPÉCIE: DADOS DO CAMPO

A partir dessa segunda parte apontaremos os dados que mostram de qual forma os tutores entrevistados inserem seus cães em suas famílias explorando alguns aspectos específicos desse relacionamento. Um dos pontos que investigamos é a relação dos cachorros com o domicílio. Perguntamos aos tutores quais são os lugares de suas residências que o cão pode frequentar. Os dados podem ser conferidos no Gráfico 7.

Gráfico 7 – Cômodos que os cães tem acesso dentro dos domicílios.



Fonte: Elaborado pelo autor usando *Google Forms*, 2020.

Um dado relevante desse gráfico é a liberdade que os donos dão aos seus cachorros de frequentarem seus quartos. Esse é o cômodo a que os cachorros tem mais autonomia de frequentar, tendo números superiores aos da sala e da varanda, consideradas áreas comuns dentro de uma residência. Esse é um aspecto que nos demonstra o nível de intimidade que os cães estão tendo nos tempos atuais, reforçados pelo que Digard (1999 *apud* Osório, 2016) diz, de que os animais estão sobre uma ação domesticatória (proteger, nutrir, controlar, inclusive a reprodução) e apresentam-se como seres antropizados, antropomorfizados, adoçados, assépticos, quase abióticos e quase pelúcias, tornados assim por seus próprios donos, facilitando dessa maneira o ingresso dos pets em locais mais íntimos dentro das residências.

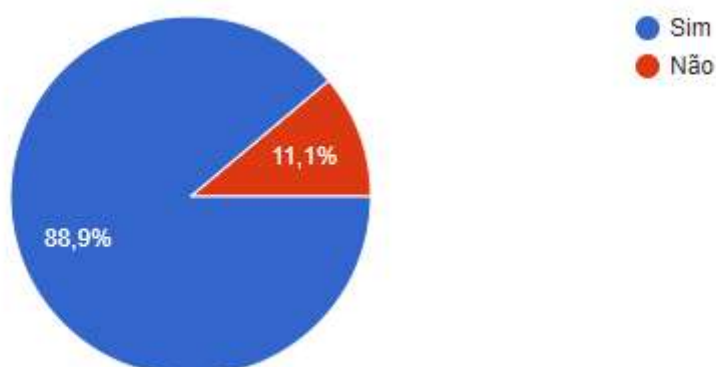
Nas conversas com os tutores não eram raras as vezes que falavam sobre os seus cães dormirem na mesma cama que eles. Em um caso especial, uma mulher que estava com seu marido e sua cadela no campo de futebol, relatou que os três dormiam

na mesma cama, e que toda manhã ela tinha a tarefa de retirar os pelos que ficam sobre o colchão. O esforço dessa tarefa segundo ela, não é nada comparado ao afeto direcionado ao seu pet, o que lhe faz realizar essa tarefa diária sem pestanejar, mesmo tendo pequenas dores em seus braços.

Ainda discutindo sobre ação domesticatória, temos que exibir os dados sobre a castração dos animais do grupo abordado. No questionário, 55,6% dos tutores disseram que seu(s) cachorro(s) eram castrados o que mostra uma expressão desse controle sobre a animalidade desses cães. Nas conversas com integrantes do grupo, a castração foi associada à queda da probabilidade de algumas doenças, à redução de agressividade, ao menor risco de fugas, à redução de instintos naturais, como simulação sexual e marcação de território. Do outro lado dos dados, posso citar que 27,8% do grupo que não tinha realizado a castração desejava realizá-la em seus cães. O que nos deixa evidente que a menor parte do grupo não almeja castrar seus animais, deixando a avaliação que, dentre os tutores estudados, a maioria vê vantagens sobre esse procedimento.

Buscando informações sobre o vínculo entre tutores e cães, fiz uma pergunta direta aos entrevistados, questionando se eles enxergavam seus cães como integrantes de suas famílias. Apenas 11,1% disseram que não viam seus cães como membros da família. Em suas respostas, os tutores salientavam suas relações com seus animais de estimação dialogando como eles fazem parte de sua rotina, como há uma relação de afeto recíproca, como eles entendem o fluxo da casa, e descrevem uma relação estreita, com cumplicidade, amorosa. Ao tocar nesse ponto da pesquisa, é importante deixar registradas as emoções captadas junto aos interlocutores. Aqueles com que tivemos contato direto, em sua maioria, se dedicaram em detalhar sua relação com seus cães pontuando as características acima. Em poucos casos pude até captar algumas emoções mais fortes direcionadas aos cães, exteriorizando o valor emocional dado a eles por esses tutores.

Gráfico 8 – Porcentagens de tutores que consideram seu(s) cachorro(s) como membro da família.



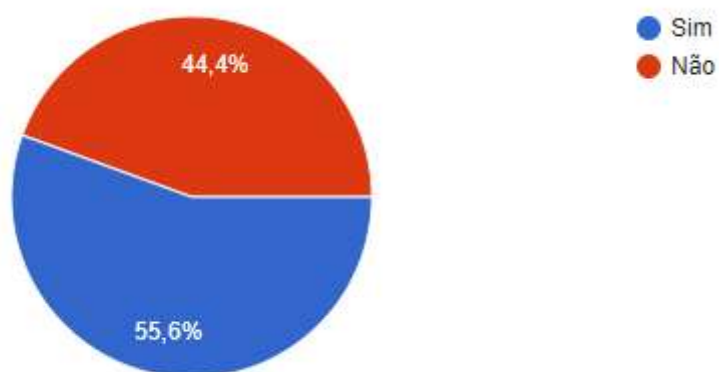
Fonte: Elaborado pelo autor usando *Google Forms*, 2020.

A faixa etária predominante do grupo é dos 25 até os 31 anos de idade e quase 80% do grupo selecionado alegou estar casado ou namorando. Esse é outro dado importante para ser destacado pois uma das minhas hipóteses era de que casais – que não pretendem ter filhos - teriam a tendência de manifestar o que chamamos nessa pesquisa de complementação familiar canina, que é um fenômeno entendido nesse trabalho como a adição de um membro não-humano na família. Dos 14 casais que preencheram o questionário, 6 alegaram que não tinham e não queriam ter filhos. Desses 6 casais, 4 consideraram seus cães como membro de sua família, e apenas 2 consideraram como filhos. A partir das informações acima compreendemos que esse fenômeno, embora presente, não é predominante no cenário desse grupo que analisamos, pois, embora 42,8% dos casais tenham afirmado que não tem e não quer ter filhos, apenas 28,6% considera seus cães como membros de sua família.

Outro ponto investigado na nossa pesquisa foi a presença de casais que tinham ou pretendiam ter filhos e que complementavam suas famílias com um cachorro. Partindo dessa indagação, verifiquei os dados e cheguei aos seguintes resultados. Dos 14 casais do grupo, 8 já tinham ou pretendiam ter filhos. Todos esses 8 casais consideravam seus cães como membros de suas famílias. E, entre esses casais que consideravam seus cães integrantes da família, metade enxergava seus cães como filhos. Em suma, metade dos casais que não se opunha a ter ou tinha filhos também considerava seus cães como tais. Esse resultado mostra a maior tendência, dentro

desse recorte da pesquisa, do fenômeno de complementação familiar canina ocorrer entre os casais com expectativa de ter filhos ou com aqueles que já tinham.

Gráfico 9 – Porcentagem dos tutores que consideram seus cães como filhos.



Fonte: Elaborado pelo autor usando o *Google Forms*, 2020.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação desse fenômeno da humanização de cães, que está sendo estudado por vários antropólogos dentro de diferentes linhas de raciocínio, é relevante para interpretar as mudanças nas sociedades modernas. Compreender essas mudanças faz parte da tentativa de entendermos nossas várias cosmovisões. Nossa relação com os cães é milenar e essa relação vem tomando dimensões que impactam algumas instituições.

O problema da minha pesquisa tinha como fim elucidar a relação entre tutores e seus cães e como essa relação se desdobrava dentro do espectro familiar, no consumo de produtos pets e, conseqüentemente, como isso impactava no mercado especializado. Para correlacionar esses três elementos, utilizei o fenômeno da humanização dos cães supracitado.

Para realizar a pesquisa, apoiei-me em observação participante, entrevista e aplicação de questionário concomitante a uma teoria metodológica adequada para sua execução. Esforcei-me para fazer o exercício de estranhamento daquilo que me era familiar antes da pesquisa. Durante os dois meses de trabalho de campo a interação com os interlocutores me proporcionou interpretar alguns conceitos importantes para verificar minhas hipóteses.

No tocante ao consumo dos interlocutores da pesquisa, partindo dos dados e da minha experiência em campo, constatei que a humanização afeta na escolha dos produtos e serviços ofertados aos cães. Nas escolhas de produtos para seus cães, alguns elementos se mostram referenciados a artigos humanos. Produtos e serviços como roupas, plano de saúde, produtos de higiene, hotéis, *day cares* são elementos que evidenciam essa aproximação de artigos que eram antes exclusivamente humanos, e agora são ofertados e consumidos por nossos cães. Outro elemento importante visto em campo foi a “infantilização”, que também se manifestou no consumo desses interlocutores, pois em quase sua totalidade eles ofertavam brinquedos para seus cães, percentual maior do que a parcela de tutores que ofertaram remédios e vacinas no último ano, itens essenciais para a qualidade de vida.

Sobre a relação entre esses tutores e seus cães, foi essencial o entendimento do dinamismo que a instituição familiar tem que adotar para abarcar todas as configurações autointituladas como família. Uma dessas configurações, presente na

bibliografia dos estudos dessas relações humano- cães, e também presente na minha pesquisa, é a família multiespécie. Partindo dos dados levantados no questionário constatei que 88,9% dos meus interlocutores humanos consideram seus cães como membro da família. Esse dado me permitiu, junto da minha experiência com os interlocutores, sustentar minha hipótese de que haveria ali naquele território o que chamamos de família multiespécie. Verificamos características dos cães dentro do espectro familiar e detectamos que esses animais estão conquistando cada vez mais acesso a áreas mais íntimas dos domicílios e se tornando peças relevantes na rotina dessas famílias.

Verifiquei também a existência do que chamei nessa pesquisa de complementação familiar canina. Uma das minhas hipóteses era de que esse fenômeno se manifestaria em casais com que tive contato no campo. Os dados do questionário me mostraram que, embora a complementação familiar canina ocorresse em alguns casais que não pretendiam ter filhos, ela não era predominante entre esses interlocutores com os quais interagi. Por outro lado, a complementação familiar canina se mostrou mais corrente nos casais que tinham ou pretendiam ter filhos.

Deixo como contribuição para futuros trabalhos semelhantes a proposta de trabalhar em áreas não centrais das cidades, pelo potencial de abarcar características não existentes em regiões onde foi feita esta pesquisa. Enxergo de grande contribuição a compreensão das relação humano-caninas nos bairros periféricos onde encontramos com mais facilidade a presença de cães semi-domiciliados ou de vizinhança.

Contudo, a realização dessa pesquisa foi consequência do entendimento de que os cachorros estão adquirindo um novo status dentro da família e causando efeitos em outras instituições. Sustento o argumento da urgência, dentro da Ciências Sociais, em aprofundar seus esforços para a compreensão desses fenômenos multiespécie.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABINPET. **Mercado Pet Brasil 2018**. Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação. São Paulo, p. 8. 2018.
- ABINPET. **Mercado Pet Brasil 2019**. Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação. São Paulo, p. 8. 2019.
- ABINPET. **Mercado Pet Brasil 2020**. Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação. São Paulo, p. 8. 2020.
- BAPTISTELLA, E.; ABONIZIO, J. O Peso dos animais nas urnas: uma reflexão sobre o papel dos animais na política contemporânea. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, p. 329-372, abr 2017.
- BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. **Cultura, consumo e identidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 204 p. ISBN 8522505705.
- CANATTO, B. D. et al. Caracterização demográfica das populações de cães e gatos supervisionados. **Arq. Bras. Med. Vet. Zootec**, 64, 2012. 1515-1523.
- CASTRO, E. V. D. O Nativo Relativo. **MANA**, v. 8, p. 113-148, 2002.
- CHAVES, M. Disputa de Guarda de Animais de Companhia em Sede de Divórcio e Dissolução de União Estável: Reconhecimento da Família Multiespécie? **Direito UNIFACS - Debate Virtual**, 187, 2016.
- D'ALCANTARA, E. A. **Memória do menino. e de sua velha vila**. Vila Velha: Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha, 2014.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- IBGE. **Pesquisa Domiciliar sobre Cães e Gatos Humanização e Padrões de Consumo 2007**. Rio de Janeiro. 2007.
- IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2013**. IBGE. Rio de Janeiro. 2015. (978-85-240-4350-5).
- IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde 2013**. Rio de Janeiro. 2015.
- LEWGOY, B.; SORDI, C.; PINTO, L. Domesticando o Humano para uma Antropologia Moral da Proteção Animal. **Ilha**, 17, ago-dez 2015. 75-100.

LIMA, B. R. et al. Inovação no Mercado de Pet Shops. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 10, p. 06-26, Jan-Mar 2013.

MAZON, M. D. S.; MOURA, W. G. Cachorros e humanos: mercado de rações pet em perspectiva sociológica. **Civitas**, Porto Alegre, 17, jan-abr 2017. 135-158.

OLIVEIRA, R. C. D. Antropologia e a crise dos modelos explicativos, 9, 1995. 213-228.

OSORIO, A. Guloseiras para animais de estimação: notas sobre afeto, alimentação e mercado pet. **Encontro Nacional de Estudos do Consumo**, Rio de Janeiro, 9 Novembro 2016. 19.

PASTORI, É. O.; MATOS, L. G. Da paixão à "ajuda animalitária": o paradoxo do "amor incondicional" no cuidado e no abandono de animais de estimação. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, 3, 2015. 112-132.

PEIRANO, M. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Dumará Distribuidora de Publicações LTDA, 1995.

SARTI, C. A. Famílias enredadas. In: ROJAS, A.; VITALE, M. A. F. **Família: Redes, Laços e Políticas Públicas**. São Paulo: Cortez Editora, 2010. ISBN 978-85-249-1413-3.

SARTORI, A. C. R.; ZILBERMAN, M. L. Revisitando o conceito de síndrome do ninho vazio. **Archives of Clinical Psychiatry**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 112-121, 2009.

SEGATA, J. Parecidos, o suficiente: Nós e os outros humanos, os animais de estimação. **Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar**, 4, 2012. 207-234.

SEGATA, J. Quando o animal dura mais que a estimação. **MANA**, 22, 2016. 831-856.

UEDA, G. S. Verticalização das Cidades Brasileiras: Uma Desconstrução do Espaço Social. **Dissertação de Mestrado**, São Carlos, 2012.

LINKS E REPORTAGENS

BRITO, F. Portal Animal. **Estadão**, 28 Novembro 2018. Disponível em: <<http://especiais.estadao.com.br/portal-animal/2018/11/28/10-dicas-para-passear-com-o-cachorro-de-forma-segura-e-saudavel/>>. Acesso em: 15 Março 2021.

IPB. **Instituto Pet Brasil**, 2020. Disponível em: <<http://institutopetbrasil.com/beneficios/>>. Acesso em: 24 mar. 2021.

MANDELBAUM, B. Conservadorismo, Rupturas e Novas Configurações de Família, São Paulo, 26 março 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=II RiTQFEr z8>>. Acesso em: 15 Abril 2021.

PERES, A. Enriquecimento ambiental: o que é e como fazer para cães e gatos. **Dog hero**, [s.d]. Disponível em: <<https://love.doghero.com.br/dicas/enriquecimento-ambiental/>>. Acesso em: 27 Março 2021.

PORTAL do Iphan. **Iphan**, [s.d]. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1359/>>. Acesso em: 27 Outubro 2020.

RIO NEGRO & SOLIMÕES. Vida de Cão: Universal Music International, 2006. Disponível em: <https://youtu.be/JQTIUWKJAmc>. Acesso em 1 de março de 2016

VARELLA, C. Planos de Saúde para pets custam a partir de R\$ 44. **Economia UOL**, 4 mar. 2021. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/03/04/planos-de-saude-para-pets.htm>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

VITORINO, T. Petz faz o AliExpress dele com e-commerce de importados para animal de estimação. **CNN Brasil**, 29 mar 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/2021/03/29/o-aliexpress-deles-petz-cria-e-commerce-de-importados-para-animais-de-estimacao>>. Acesso em: 2021 mar 2021

APÊNDICE

Apêndice A – Questionário aplicado na pesquisa.

Pesquisa para tutores de cães que frequentam a Prainha de Vila Velha

Esse questionário tem como objetivo ajudar a pesquisa acadêmica de um graduando em Ciências Sociais - UFES. Nesse questionário não existe resposta certa nem errada, no entanto procure ser sincero em suas respostas e lembre-se que você tem a liberdade de interromper questionário quando quiser. Obrigado por sua colaboração. Para saber resultados da pesquisa envie uma mensagem para o endereço de e-mail caiofalcao.ln@gmail.com.

***Obrigatório**

Qual é o seu primeiro nome? (opcional)

Sua resposta

Quantos cachorros você tem? *

1

2

3

4

5 ou mais.

Quantos cachorro de raça você possui? *

Nenhum

1

2

3

4

5 ou mais

Qual a sua idade? *

Sua resposta

Qual seu sexo? *

Masculino

Feminino

Outro:

Em qual das alternativas você se enquadra? *

Casado(a)

Namorando

Solteira(o)

Viúvo(a)

Divorciado(a)

Qual sua escolaridade? *

Ensino Fundamental Incompleto

Ensino Fundamental Completo

Ensino Médio Incompleto

Ensino Médio Completo

Ensino Superior Incompleto

Ensino Superior Completo

Pós-Graduação

Qual a renda das pessoas envolvidas no cuidado do(s) cachorro(s)? *

Até um salário mínimo

Até dois salários mínimo

Até três salários mínimos

Até quatro salários mínimos

Mais de cinco salários.

Qual a frequência estimada, por semana, que você leva seus(s) cachorro(s) no Parque Municipal da Prainha? *

1

2

3

4

5

6

7

Qual o tipo do seu domicílio? *

Casa

Apartamento

Quantas pessoas moram com você? *

Escolher

Possui outros animais - sem ser cães - em sua residência? *

Sim

Não

Quais os produtos ou serviços que seu cachorro desfrutou pelo menos uma vez no último ano? *

Alimentação

Brinquedos

Roupas

Remédios e Vacinas

Produtos de Higiene e Beleza

Passeador(a)

Veterinário(a)

Adestrador(a)

Serviços de banho

Tosa

Hotel

Day Care

Plano de Saúde Pet

Enxerga seu(s) cachorro(s) como sendo da sua família? *

Sim

Não

Quais as áreas da sua residência seu(s) cachorro(s) pode(m) frequentar? *

Sala

Quintal

Banheiro

Quartos

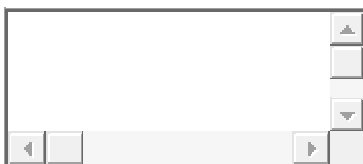
Cozinha

Varanda

Terraço

Qual foi o motivo de adquirir seu(s) cachorro(s)? *

Sua resposta

An empty text input field with a light gray border and a white background. It features a vertical scrollbar on the right side and a horizontal scrollbar at the bottom, indicating it is a multi-line text area.

Considera seu(s) cachorro(s) como filho(s)? *

Sim

Não

Poderia me explicar rapidamente como é sua relação com o(s) seus(s) cachorro(s)? *

Sua resposta

Onde adquiriu seu(s) cachorro(s) ? *

Doação - familiares, amigos, conhecidos.

Adoção - abrigos, feiras, rua.

Compra - petshop, criadouros.

Quem tem a responsabilidade sobre o(s) cachorro(s)? (Passeio, dar comida, limpeza, levar no veterinário) *

Sua resposta

Qual a estimativa de gasto com seu(s) cachorro(s) referente ao seu salário? Qual seria porcentagem? *

Entre 1 e 5%

Entre 5 e 10%

Entre 10 e 15%

Entre 15 e 20%

Mais de 25% do salário

Seu(s) cachorro(s) é/são castrado(s)? *

Sim

Não, e não quero castrar

Não, mas quero castrar futuramente.

Você tem filhos? *

Sim

Não, mas pretendo.

Não, e não quero ter filhos.

Apêndice B – Brinde que Ziggy ganhou durante o campo:



Fonte: Acervo Pessoal, 2020.

Apêndice C – Foto tirada no espaço sudeste do parque onde há maior presença de árvores:



Fonte: Acervo Pessoal, 2020.

Apêndice D – Ziggy recém solta dentro do campo averiguando a possibilidade de interação:



Fonte: Acervo Pessoal, 2020.

Apêndice E – Ziggy correndo dentro do campo junto com outro cachorro:



Fonte: Acervo Pessoal, 2020.

Apêndice E – E-mail que apresentava o uso da nova configuração familiar em sua chamada:



Fonte: Imagem retirada da caixa de entrada do meu e-mail pessoal, 2021.

